

OS INTELLECTUAIS, A CAPOEIRA E OS SÍMBOLOS ÉTNICOS NO BRASIL.

Autor: Antonio Liberac Cardoso Simões Pires¹

Palavras Chava: Capoeira, cultura negra, identidades.

RESUMO

Este artigo trata-se de um estudo sobre a capoeira e a forma como intelectuais brasileiros a manipularam simbolicamente na construção da identidade nacional. Nesse sentido o texto trata da manipulação de símbolos étnicos em símbolos nacionais no decorrer da primeira metade do século XX. Neste artigo também se inclui algumas análises sobre outras expressões da cultura popular.

Este artigo procura estudar aspectos do pensamento social brasileiro e, conseqüentemente, trata-se de uma abordagem sobre seus intelectuais. Por certo, selecionei aqueles que, no período de estudo, escreveram sobre a capoeira. Assim, muitos dos artigos escritos, entre o final do século XIX e os anos 1950, serão analisados no decorrer deste texto. Procurei encontrar as semelhanças e diferenças entre os estudos desses intelectuais e quais foram às fontes utilizadas, além das relações com a capoeira, em um sentido simbólico.

Os autores a serem analisados refletem o movimento de alguns intelectuais que se voltaram para os estudos sobre a cultura. Eles buscaram demarcar as diferenças étnicas, comparando e classificando práticas culturais na construção de símbolos nacionais. Tais estudos envolveram os principais centros intelectuais do país e focalizaram as religiões afro-brasileiras, a capoeira, o samba e outros folguedos tidos como pertencentes à cultura popular. A capoeira constituiu-se como tema de literatos ilustres como Sílvio Romero e Machado de Assis². No entanto, uma grande parte deles

¹ O autor é professor Adjunto no curso de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

² Muitos escritores mencionaram fatos e construíram personagens relacionadas aos capoeiras no século XIX. Ver, por exemplo, Almeida; Azevêdo ([19_ _]) e Assis (1944).



estabelece julgamentos, apresentando-a como algo nocivo à sociedade. Mesmo Plácido de Abreu, que escreveu seu trabalho por volta de 1886, criticou a capoeira, apesar de ter sido um praticante e deixado informações preciosas para o entendimento dos grupos, rituais e movimentos da capoeira na época. Ele nos ajuda a tentar entender como os intelectuais a definiram simbolicamente no contexto cultural do período. Plácido de Abreu, por exemplo, indicou um caminho central que projetaria a capoeira como um símbolo nacional. Para ele, a capoeira teria sua origem no Brasil, e não na África. O autor parece ter refletido acerca desse elemento, o que provavelmente havia sido alvo de discussão entre os praticantes no século XIX. No entanto, a escolha de uma origem para a capoeira foi motivo de divergência entre os intelectuais do final do século XIX. Nesse sentido, temos como exemplo as posições defendidas por Plácido de Abreu e Silvio Romero (1981) sobre a origem da capoeira. Os dois trabalhos foram publicados no final do século XIX, e o último autor descartou a possibilidade de a capoeira ter origem brasileira.³ Esses posicionamentos iriam demarcar todos os trabalhos sobre o tema dali para frente. A diversidade de discussões que tangenciaram os estudos centrou-se em dois postulados fundamentais: o primeiro buscou a construção simbólica da capoeira a partir da origem africana, o segundo, negou esta idéia para incorporá-la a uma prática genuinamente brasileira. Contudo, a maioria foi unânime em celebrá-la como um símbolo da cultura nacional.

Outro trabalho a buscar o resgate da capoeira, passando a defendê-la como de origem brasileira, foi escrito por Morais Filho⁴. Ele denunciou os capoeiras e suas "atrocidades", mas defendeu a regularização da prática a partir da arte. Dessa maneira, Morais Filho ditou a tônica dos discursos de reabilitação da capoeira na época, ao incluí-la na lista das "tradições populares brasileiras". Um caminho percorrido para colocar a capoeira no rol das culturas civilizadas foi o de classificá-la como arte marcial brasileira, ou seja, um conceito esportivo associado ao de nacionalidade. Essa direção foi seguida por uma legião de escritores, entre os mais ilustres, Coelho Neto que defendeu no parlamento a legalização esportiva da capoeira e sua presença oficial nas forças armadas⁵.

Houve autores que se situaram em outro campo simbólico e defenderam uma origem africana para a capoeira. Manoel Querino, em *A Bahia de outrora* (1946), e

³ ROMERO, (1981, p. 12)

⁴ ([19_ _])

⁵ Cf. Pires (1995, Cap. 4).

Costumes africanos no Brasil (1988), defende essa posição. O autor deixou excelentes relatos sobre a capoeira na cidade de Salvador e avançou ainda em estudos sobre os praticantes, tornando-se, assim, uma referência obrigatória para os estudos posteriores. Outro relevante autor nessa linha foi Edson Carneiro, o estudioso que mais escreveu sobre a capoeira no período. Ele publicou livros e diversos artigos sobre o tema, além de trabalhos sobre as religiões afro-brasileiras. Carneiro partiu dos estudos de Nina Rodrigues, Manoel Querino e Arthur Ramos para estudar os negros no Brasil⁶. Tendo esses autores como ‘caldo intelectual’, Carneiro sintetizou de forma mais elaborada os diversos conhecimentos sobre a capoeira na cidade de Salvador, nos anos trinta do século XX. Um de seus trabalhos mais significativos sobre o tema foi *Religiões negras e negros bantos*, publicado pela primeira vez em 1937. Nesta obra, o autor descreve os rituais da “Capoeira de Angola”⁷, assim como os cantos das rodas de capoeira. Em nenhum momento, Edson Carneiro utiliza a expressão “esporte”, ele prefere referir-se à luta ou ao folclore, o que revela sua intenção de buscar a pureza da cultura negra⁸. Não foi por acaso que o foco de atenção em seu trabalho destacou a Capoeira de Angola e não a Capoeira Regional, uma vez que esta última representava a ‘mistura’ de aspectos culturais.

De modo geral, esses dois grupos acabaram por estabelecer conceitos fundamentais no pensamento social brasileiro, em virtude de suas análises acerca da cultura. O arcabouço teórico das obras surge a partir das noções de raça e nacionalidade. Obviamente, os grupos partiram das mesmas bases conceituais. Contudo, utilizaram táticas diferentes para alcançarem seus objetivos que, de forma geral, culminavam com a formação de uma cultura nacional. Essa cultura deveria se constituir a partir da justaposição das culturas brancas, negras e indígenas. As divergências entre esses intelectuais estão colocadas em um plano superficial em relação à idéia de cultura nacional, mas que, profundamente, revelam a complexidade da manipulação, por parte deles, das categorias de raça e cor na construção dessa nacionalidade. A visão folclórica,

⁶ O Sr. Edson Carneiro faleceu em 1972, deixando um grande número de trabalhos sobre a capoeira, que foram publicados no decorrer desses anos. Ver, por exemplo, Carneiro (1950, 1965, 1985).

⁷ Capoeira de Angola é um estilo da capoeira o outro estilo é da Capoeira Regional. As maiores referências desses estilos foram o mestre Pastinha e o mestre Bimba consecutivamente.

⁸ Para um melhor entendimento das discussões sobre “pureza cultural”, ver Dantas (1989).

a valorização da África, e a busca da cultura negra demarcaram uma posição; já o nacionalismo exacerbado, a esportividade e a mestiçagem cultural demarcaram outra⁹.

Um traço homogêneo entre esses autores firmou-se quanto à característica de "intelectual orgânico."¹⁰ Todos eles estiveram envolvidos com grupos de capoeiras, isto quando não foram exímios praticantes, como no caso de Plácido de Abreu, Coelho Neto e Aníbal Burlamaqui. Os praticantes letrados geralmente defenderam a idéia de uma capoeira 'genuinamente brasileira' contra uma africana; a intenção era a de torná-la uma expressão cultural, isto é, um esporte nacional. Mesmo Adolfo Morales de Los Rios, um letrado não praticante, ao escrever sobre a capoeira, também demonstrou um claro empenho em torná-la esporte nacional genuinamente brasileiro (LOS RIOS, 1926). Essa posição parece ter obtido grande destaque nas primeiras duas décadas do século XX entre os intelectuais das áreas da cultura corporal. Na verdade, essa posição nunca se desfez totalmente, o que está comprovado por sua hegemonia entre os praticantes da atualidade¹¹. No entanto, entre os intelectuais dos anos 1930, prevalece a idéia de uma capoeira de origem africana, compondo uma 'cultura afro-brasileira'.

Edson Carneiro e Jorge Amado desenvolveram importante papel na construção simbólica da capoeira no Brasil. Eles se colocaram como contraponto aos que produziram a capoeira centrada em uma visão extremamente nacionalista e trataram de se organizar com os grupos da Capoeira Angola. Dessa forma, criaram laços pessoais com diversos capoeiras. Eles os chamaram para seus eventos e buscaram organizá-los politicamente como agrupamentos de representantes da cultura negra no Brasil. Vamos ver alguns desses aspectos a seguir.

Considero Carneiro, como já mencionei em outras oportunidades, o mais importante pesquisador da capoeira na primeira metade do século XX, já que teve o mérito de organizar um excelente material sobre a Capoeira Angola.

⁹ Cf. Pires (1995, Cap. IV). Essas discussões foram bastante aprofundadas em meu trabalho de mestrado.

¹⁰ GRAMSCI, 1966.

¹¹ Cf. Pires. (1995, Cap. IV). Nessa parte do trabalho, utilizando dados estatísticos coletados em um evento internacional de capoeira (Circo Voador, Rio de Janeiro, 1989) em que analisei as opiniões dos praticantes sobre a origem da capoeira, onde comprovei que 41,5% entre cerca de 300 pessoas opinaram pela origem brasileira, 15,6%, africana, 32,8%, afro-brasileira e 1% indígena.

O capoeirista Bimba abriu mesmo uma escola de capoeira. Este negro de rara habilidade me afirmou que a sua capoeira já não é mais a de Angola, mas um prolongamento dela, já que ele se aproveita dos golpes de outras lutas, desde a luta romana até o box e o jiu-jitsu, tanto que ele apelida de luta regional baiana a sua capoeira especial. O maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros ser Samuel "Querido de Deus", um pescador de notável ligeireza de corpo. Muito falados são os capoeiristas Maré (estivador), Siri de Mangue, de Santo Amaro, e um tal Oséias, que abriu uma escola de capoeiras no Rio. Mesmo assim, o processo de decomposição da capoeira está se acelerando. Apesar da reação policial e do adiamento do processo de decomposição e de simbiose da capoeira em face de outras formas de luta, a capoeira, em especial a capoeira de Angola, revela uma enorme vitalidade. Porém, o progresso dar-lhe-á, mais cedo ou mais tarde, o tiro de misericórdia. E a capoeira, junto aos demais elementos do folclore negro, recuará para os pequenos lugarejos do litoral¹²

No período em que Carneiro escreveu seus estudos, a capoeira passava por um momento de extrema delicadeza, ela encontrava-se sob um forte processo de repressão policial e esportivização. Na opinião de Edson Carneiro, os dois processos radicalizaram a decomposição da capoeira, ou seja, transformaram-na em algo distante do seu estado "puro" ou "original". Isso justifica o olhar pessimista do autor em relação à prática. O mais importante é que Carneiro sugere elementos que o fazem posicionar-se a favor dos capoeiras de Angola. Isso fez com que ele não realizasse uma descrição do grupo de mestre Bimba, apesar de citá-lo em seu trabalho. Na verdade, o autor não percebeu que os dois estilos de capoeira faziam parte de um mesmo movimento de invenção de uma nova tradição para a capoeira, pois ele visualizava na capoeira de Angola – portanto, no que era extremamente novo – a prática de uma capoeira primitiva ou africana. Desse modo, seu argumento esteve centrado em uma visão regional vinculada à peculiaridade baiana.

Outro importante escritor que trata do tema é Jorge Amado. Este foi, de certa forma, companheiro de Carneiro em diversas empreitadas culturais e políticas¹³. Amado também possui importante papel no universo dos capoeiras, mantendo relações muito próximas com praticantes. O personagem capoeira consta em grande parte de suas obras

¹² CARNEIRO, 1985, p. 219.

¹³ Eles chegaram a escrever uma novela juntos intitulada Lenita e publicada em fascículos no ano de 1929. Organizaram diversos eventos socioculturais e mantiveram relações estreitas com o PCB.

e, sem dúvida, seu mais conhecido intento ocorre no romance *Os capitães da areia*.¹⁴ Ali, percebem-se os aspectos que contribuem para um entendimento da cultura da capoeira entre os menores e adolescentes das ruas de Salvador. Além disso, foi possível mencionar *Jubiabá*, *Mar morto* e várias outras obras.¹⁵

Jorge Amado criou personagens inspirados em capoeiras, sambistas e pais-de-santo. O escritor estabeleceu uma relação bastante particular com os símbolos da cultura negra. Seus personagens, muitas vezes relacionados às expressões culturais afro-brasileiras, cumprem um percurso peculiar, em que a cultura negra serve como ' trampolim ' para uma consciência revolucionária. Infere-se, a partir daí, que a busca da liberdade, na escravidão, esteve nos quilombos, nas religiões, na prática da capoeira, na negação ao trabalho, na musicalidade e na malandragem. No entanto, mais tarde, com o advento do novo regime capitalista, a liberdade estaria ligada à revolução proletária, ou seja, à proposta do Partido Comunista Brasileiro. Nesse sentido, o autor transformou os personagens (pais-de-santo, prostitutas, sambistas, malandros, capoeiras etc) em trabalhadores organizados, mais próximos de seu próprio objetivo, que era a revolução socialista¹⁶.

Amado teve excepcional importância na construção de uma imagem do praticante da capoeira, na primeira metade do século XX, na cidade de Salvador. Ele contribuiu para fortalecer o mito da capoeira como cultura de negação ao trabalho. O autor normalmente constrói o personagem como representação do malandro, daquele que nega o trabalho, como foi o caso de Zé Camarão e Negro Baldo, no romance *Jubiabá*. Algumas passagens de suas obras são instigantes e dão "pano para manga" enquanto fontes para uma melhor compreensão do período. Em seu romance *Os velhos marinheiros* ele compôs um intrigante exercício literário ao utilizar nomes de pessoas conhecidas na cidade de Salvador como personagens fictícias:

No fim da tarde, quando as luzes se acendiam na cidade e os homens abandonavam o trabalho, os quatro amigos mais íntimos de Quincas Berro

¹⁴ AMADO, (1983, p. 10)

¹⁵ AMADO, (1935 e 1936)

¹⁶ Cf. Palamartchuk (1997). A autora descreve de forma exemplar como Jorge Amado projeta um engajamento político de seus personagens. Ela analisa diversas obras de Jorge Amado. Agradeço a Ana Paula Palamartchuk as diversas discussões, que ajudaram a elaborar meu argumento.

D'água – Curió, Nego Pastinha, Cabo Martin e Pé-de-Vento – desciam a ladeira do Tabuão em caminho do quarto do morto.¹⁷

Os personagens pertencem ao primeiro conto sobre os marinheiros, intitulado A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água. Não fica difícil constatar em quem o autor se inspirou na escolha dos nomes para os personagens. Pelo menos mestre Pastinha, já referido, e Curió, segundo a tradição oral, capoeirista na década de 1940¹⁸, foi possível identificar. Não consegui descobrir em quem o autor se inspirou na escolha do nome de Pé-de-Vento para seu personagem capoeira. No entanto, tratando-se de Nego Pastinha, o autor, a meu ver, buscou construí-los seguindo estereótipos contrários aos possivelmente cabíveis ao indivíduo real.

Saiu em busca de Nego Pastinha, àquela hora, certamente no Largo das Sete Portas, ajudando bicheiros conhecidos, arranjando uns cobres para a cachaça da noite. Nego Pastinha media quase dois metros, quando estufava o peito semelhava num monumento, era tão grande e forte. Ninguém podia com o Nego, quando lhe dava a raiva.¹⁹

Ao contrário da construção do personagem do escritor, o mestre Pastinha real foi um indivíduo ágil, mas de pequena estatura. Contudo, há aspectos que condizem com a realidade, como o fato de o mestre Pastinha haver trabalhado no jogo do bicho em sua juventude. O autor ainda fez menção à presença dos personagens em rodas de capoeira muito famosas na época: "A roda, em frente à rampa dos saveiros, na feira noturna de água dos meninos, aos sábados nas Sete Portas, nas exposições de capoeira na estrada da Liberdade, era quase sempre numerosa"²⁰

Mesmo sabendo que seria um procedimento frutífero, no sentido de acumularmos um maior conhecimento sobre os capoeiras reais, não insistirei no caminho que passa pela análise dos diversos personagens capoeiras criados por Amado. Contudo, vale ressaltar que Amado provavelmente inspirou-se em pessoas reais, o que, a meu ver, aumenta o valor de sua obra como fonte literária para a historiografia.

¹⁷ Amado (1973, p. 40)

¹⁸ Trata-se de um célebre capoeira apelidado de Curió, nos anos 1940. Atualmente, existe na cidade de Salvador um importante praticante da capoeira de Angola também apelidado de Curió.

¹⁹ (AMADO, 1973, p. 41)

²⁰ (AMADO, 1973, p. 41).

De forma semelhante a Carneiro, Amado também participou ativamente da invenção de uma nova tradição para a capoeira colocando-se ao lado dos praticantes da capoeira de Angola. Esse aspecto, em sua política cultural, fica bastante evidente na obra *Bahia de todos os santos*, de 1944, quando o autor se propôs a elaborar um guia para a cidade de Salvador:

Há alguns anos, os arraiais da capoeira, na Bahia, foram palco de uma apaixonante e grande discussão. Acontece que mestre Bimba foi ao Rio de Janeiro mostrar aos cariocas da Lapa como é que se joga a capoeira. E lá aprendeu golpes de catch-as-catch-can, de jiu-jitsu e de boxe. Misturou tudo isso à capoeira de Angola “[...] dez capoeiristas me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova escola de mestre Bimba, que a ‘regional’ não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira a ‘angola’, a única verdadeira”²¹

A meu ver, o que importa aqui é o fato de Amado tomar uma posição ao lado da capoeira ‘pura’, contra atitudes mais radicais que almejavam transformar a capoeira em uma luta marcial competitiva. Amado, em uma descrição densa sobre aspectos do cotidiano da cidade de Salvador, deixou registros de praticantes da capoeira que foram bastante importantes na propagação da capoeira especialmente a de Angola. O autor mencionou Querido de Deus, mestre Valdemar da Paixão e mestre Canjiquinha entre outros. Finalmente, ele acabou classificando a capoeira como "a luta nacional por excelência".²² Nesse sentido, Amado, ao classificar a capoeira como expressão da cultura nacional, buscava garantir o lugar da cultura negra no movimento de construção de símbolos nacionais. O autor fez o mesmo com o candomblé, reivindicando sua formação africana e o destacou como cultura nacional, especialmente baiana. Com a obra *Bahia de todos os santos*, ele deixa evidente sua relação com os diversos representantes das culturas afro-brasileiras.²³

Acredito que a atuação dos intelectuais, no final do XIX e na primeira metade do século XX, intensificou a construção dos atuais símbolos nacionais e ajudou a estabelecer um novo grupo de representantes da cultura negra²⁴. Dessa forma, a ação política dos intelectuais, a organização de congressos sobre o tema e a participação no

²¹ (AMADO, 1944, p. 171)

²² (AMADO, 1944, p. 170)

²³ (AMADO, 1944, p. 105-12)

²⁴ Refiro-me aos representantes das associações culturais, em particular no Rio e na Bahia, os principais responsáveis pela expansão prática da capoeira.

cotidiano das comunidades produtoras da cultura afro-brasileiras foram elementos fundamentais para – apesar de todos os preconceitos – fazer emergir uma visão social positiva dessas práticas. Além disso, contribuíram fundamentalmente para a organização dos praticantes em associações culturais. Assim, surgiram diversos indivíduos, agentes culturais dessas associações, constituindo um forte grupo que projetaria a representação da cultura negra no cenário nacional.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Luiz Renato de. Capoeira e Capoeiragens. *Correio Paulistano*, 26 nov. 1950. Encarte do Correio Folclórico, p. 1.

ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19_ _].

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, 1935.

AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: M. Fontes, 1936.

AMADO, Jorge. *Os velhos marinheiros*. 29. ed. São Paulo: Martins, 1973.

AMADO, Jorge. *Os capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos*. São Paulo: Martins, [19_ _].

ANDRADE, Ivan de. Roteiro festas do povo. *O Recôncavo*, Salvador, jan. 1953, p. 5-9.

ASSIS, Machado de. *Crônicas: 1878-1888*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1944.

AZEVEDO, Aluizio de. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19_ _].

BITTENCOURT SOBRINHO, Otto. A cidade que vive nas alturas. *Única*, Salvador, p. 2, nov./dez. 1944.

BURLAMAQUI, Annibal (Zuma). *Gymnastica nacional (capoeiragem) methodizada e regrada*. Rio de Janeiro: [S.l.], 1928.

CARNEIRO, Edson. Capoeira de Angola. *Estado da Bahia*, Salvador, 9 jun. 1935. p. 12.

CARNEIRO, Edson. A pernada carioca. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 1950.

- CARNEIRO, Edson. O jogo da capoeira. *Jornal do Comércio*, 11 jul. 1965.
- CARNEIRO, Edson. *Ursa Maior*. Salvador: Ed. da UFBA/CEAO, 1980.
- CARNEIRO, Edson. *Religiões negras. Negros bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- CARNEIRO, Edson. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- CECULT/UNICAMP. Coleções de fitas K7 sobre os programas da época do rádio. (Variedades).
- COELHO NETO. *O nosso jogo: bazar*. Porto: Chardron, 1928.
- CORREIO PAULISTANO. São Paulo.
- DANTAS, Beatriz Goes. *Vovô Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Turim: Einaudi, 1966.
- LOS RIOS, Adolfo Morales de. Capoeiras e capoeiragem. *Rio Esportivo*, Rio de Janeiro, set./out. 1926.
- MORAIS FILHO, Alexandre Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19_ _].
- PALMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista. Escritores brasileiros e comunismo: 1920-1945*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, 1997.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEIXOTO, B. Capoeira: esporte ou dança?. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1959, p.7.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, 1995.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *Bimba Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira baiana*. Goiânia: Grafset; Palmas: Neab/Unitins, 2002.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, 2001.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos*. Goiânia: Ed. da UFT, Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, 2005.

PRÍNCIPE, A. C. Brochado. Senhor do Bonfim, padroeiro da cidade. *Diário de Notícias*, Salvador, 15 jan. 1950, p. 3.

QUERINO, Manoel. *A Bahia de outrora*. Salvador: Progresso, 1946.

QUERINO, Manoel. *Costumes africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1988.

ROMERO, Sílvio Romero. *Poesia popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Lammert, 1981.